

# 1

a dor é o abrir os olhos para as paredes vazias do quarto, é a respiração crepitante, é o peito em quilha a subir e a descer, quando estou deitada, num movimento que é a minha vida, estremeço, puxo o lençol e o cobertor para o pescoço, a cabeça sai-me da dobra branca como a de um decapitado, em frente, a porta acaba numa bandeira, por onde vejo o tecto do escritório, com relevos de estuque, uma traça bate as asas no vidro numa cegueira inquieta, tudo está parado menos a traça, até os meus olhos abertos, e começo a ficar com medo, um medo enorme de que o rapaz nunca mais apareça, não de que ele fuja mas de que ele morra, toda a noite vou ter este medo, até o dia entrar pelas frinchas das portadas e a paz encher o quarto, chamo-lhe paz embora seja um cansaço que se confunde com ela, uma luz de pó que me sepulta, meu irmão dirá: amortalha, numa morte breve de que sairei para um pontilhamento de ruídos: o dos homens do lixo a arrastarem os caixotes, o das crianças a descerem as escadas, o das buzinas dos automóveis na rua, e ficarei então com a mácula de recomeçar a viver, numa auréola de suor, as mãos peganhentas agarradas à cara, exposto o corpo que sempre foi um arremedo, sentada na borda da cama, a balouçar os pés, num movimento que os esfria, e assim começo o dia, com o vagar dos sonâmbulos e dos lázaros, às vezes pergunto-me: quem posso lembrar? e entre a morte de minha mãe e esta manhã há um tem-

po que me pesa, sítio onde ninguém tivesse chegado e de onde ninguém tivesse partido, que fosse um desvio de todos os passos, e de todos os olhares, e de todas as palavras, é com ele que vivo, atrás de mim, carrego-o, não como o caracol a concha, mas como um homem cansado os sapatos cheios de lama, grossos de lama, pesados da lama que lhe tolhe os passos e o prende à morte da lama, à sua infirmitade, tudo em mim se transforma nesta lama: o rapaz que talvez não volte, a memória de minha mãe que se cansará de mim, o meu irmão que se fechará no quarto, com as suas revistas, o seu gluck, o seu joyce, a sua vida indiferente à minha vida,

ouve a porta a abrir-se

— bons-dias, mana,

ela não lhe responde

— não me quer falar?

— vá-se embora,

grita-lhe.

— o medo desfigura-lhe as palavras,

(calco um nome com a paciência de outro nome: falo.

sobrevivo aos desastres, não à paz)

— a mana deixou crescer a memória como um gás sufocante

— por isso bebo, o álcool desvia-me da tragédia,

o calor do quarto concentrou-se na alcatifa e sobe vagaroso até lhe atingir as solas dos pés, sente-o a envolvê-la, animal que nela se enrolasse, é um calor orgânico, talvez de putrefacção, Sara balouça os pés nessa água morna, depois, apoia-se nas mãos e, usando os braços como alavancas, desloca-se, repuxando a colcha, sob as nádegas, o trambolho de pano cresce, o seu movimento é a comida que o engorda, o coração bate-lhe bate-lhe nos lábios entreabertos, na polpa dos dedos, nas pernas penduradas,

— mano, não me esteja a olhar,

— porquê? tem vergonha?

deixa-se resvalar para o tapete, são grandes os pés e dão-lhe uma sensação de poder, enraízam-na à casa, à rua onde se sente invulnerável, agarrada ao passeio, difícil de derrubar, não árvore mas lapa, carraça, ou polvo, um desses bichos que tornam o tempo uma enorme espera, ela no entanto pouco espera, quando está na rua, espera-a a casa onde o irmão não a espera, quando está em casa, espera-a a hora seguinte que ela não espera,

não pensar o dia à sua frente: cubo maciço de ar

## 2

passeia no jardim, os homens da câmara limpam o lago, no fundo, há lodo, onde alguns peixes estrebucham, esparrinhando pingos de lama para a roupa das crianças, Sara olha a braguilha manchada das calças de um dos homens, as mãos que seguram o cabo da vassoura,

— a anã está a atirar-se a ti,  
— era só o que me faltava,  
rãs saltam na relva,  
afastam-se, gordurosas,  
a luz solidifica-lhes os contornos.

A asfixia.

— enxote-me estes bichos nojentos,  
— não lhe fazem mal,  
— mesmo assim,

— faz a vontade à anã,  
dizem,

— à senhora anã,  
acrescentam.  
E riem.

(um olhar debruça-se para a sua face,  
a face parada do apocalipse?  
quem lhe retraiu os olhos até à dor de não querer ver?  
que palavra a lâmina cortou com a sua luz boçal?)

o cheiro a gasolina dos carros sufoca-a,  
tapa a boca com a mão e tosse,  
— estás doentinha, estás?  
as pedras crescem no jardim.  
Pedra a pedra.

### 3

ei-la entre a cama e a cómoda, à sua frente, a parede de luz torna-se instante a instante mais intensa, lâmina fria que divide o quarto, neste começo de manhã, o calor ainda não ergueu o pó, não tornou móvel o ar, sente arrepiar-se-lhe a pele, tem medo de atravessar essa folha de vidro, de se ferir nela, do outro lado a noite persiste acolhedora, então, dá um passo e fica cortada pela luz, exposta a uma descrição cruel, enrola-se nos braços, como se eles, em volta do corpo, a impedissem de se desagregar, cegou-a a fita estreita que atravessa a alcatifa, a cama, o castiçal de vidro irizado e atinge de viés o espelho, sobre a cómoda, de onde retorna acutilante para os seus olhos, ela move-se, a custo, e liberta-se dessa prisão, vê de novo a cama, a parede cor de mel,

a mesa-de-cabeceira, não observa, não procura, abre simplesmente os olhos, eis o copo de água, o candeeiro de porcelana com o quebra-luz de papel encerado, translúcido, debruado a flores pintadas, as pétalas são pingos de sangue seco, quando lhes passa os dedos por cima, num movimento de tanto faz, transformam-se em cagadelas de mosca, gordas, que tenta arrancar com a unha, «que parva sou, esqueço-me sempre dos óculos», estende o braço para a cómoda, mas a mão fica longe, sombra a estremecer no ar sombrio, ela volta a sentar-se na cama, de braço esticado,

de repente diz:

— heil hitler,

e acrescenta:

— sou uma nazi, uma puta nazi,

o irmão ri-se

— é somente uma anã que escapou,

um fio de baba vai-lhe de um lábio ao outro, armadilha ineficiente: o que morre nela é a luz.

— feche a boca, mana, parece uma idiota,

## 4

volta-se para a cama desfeita, «andei a rebolar-me toda a noite, mexi-me, mexi na passarinha, porque lhe dão este nome? e molhei-me, ainda me molho, Deus seja louvado, a noite é tão difícil, nela os ruídos crescem sôfregos, com os seus meandros, desvios, rancores, tenho tanto medo desses sons que se afastam e depois voltam, cautelosos, como o zumbido da melga que ressurge dos confins do quarto, broca milimétrica, a escavar gale-